

---

## “NÃO QUERO NETO PRETO”: RACISMO E REDENÇÃO EM O OUTRO LADO DO PARAÍSO<sup>1</sup>

Gêsa CAVALCANTI<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

### RESUMO:

Pensando em como a telenovela reflete e ajuda criar noções de identidade e raça no país, nosso objetivo é analisar a abordagem racial na telenovela *O outro lado do Paraíso* através da trama envolvendo os personagens Raquel, Nádia e Bruno. Busca-se entender como amor, perdão e redenção são tensionados na trama em questão. Para isso, analisamos tanto a trama da novela, considerando a forma como diferentes personagens mobilizaram discursos raciais e, por fim, analisando as percepções de uma amostra de telespectadores através de um levantamento via questionário.

**PALAVRAS-CHAVE:** ficção seriada; racismo; representação; telenovela.

### INTRODUÇÃO

A mídia é uma espécie de espelho, mas um espelho com características particulares, ele não só reflete como também influencia o processo de construção do imaginário sobre o objeto nele refletido. Esse poder que meios como a televisão – que nos interessa neste estudo - possuem de apresentar imagens e modificar significados, ou de ao menos contribuir como a forma como atribuímos significado a algo ou alguma coisa, é muito mais complexo do que a simplificação metafórica do espelho.

Essa relação de complexidade entre imagens midiáticas e mudança social é potencializada numa sociedade mediatizada e orientada para o consumo. Neste contexto, muitas das nossas construções de sentido são atravessadas pelas imagens que recebemos das instituições midiáticas, como afirma Stuart Hall (2016), a existência dos significados culturais vai além de nossas cabeças, esses significados “organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos” (HALL, 2016 p.20). Tudo isso, destaca a importância de olhar para o campo representacional como um campo de batalha. Analisar a representação de personagens negros, assim como de outras minorias representacionais, se torna importante por, pelo menos, duas razões: 1) é relevante documentar essas representações, como elas são

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Ficção Seriada, I Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Publicitária. Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE) e Integrante da Rede de pesquisadores OBITEL. E-mail: [gesakarla@hotmail.com](mailto:gesakarla@hotmail.com)

caracterizadas e pensar na forma como elas mudam entre tempos; 2) essas representações atingem audiências abrangentes e se relacionam com as construções identitárias das pessoas negras à nível individual e coletivo.

Neste artigo, analisamos uma trama específica da telenovela *O outro lado do paraíso* (Rede Globo, 2018), a história do casal interracial Raquel e Bruno. Analisamos a forma como a questão racial é usada como o impedimento narrativo para o casal em questão, já que Nádia, mãe de Bruno, não aceita a ideia de que o filho se envolva com uma mulher negra. Nosso foco está na relação entre a personagem racista e a personagem vítima de racismo, procurando entender como diferentes personagens mobilizaram discursos raciais, a punição que a personagem que move o plot racista recebe no desfecho da história, sua redenção e nas impressões que o público telespectador têm sobre redenção e punição quando falamos de racismo.

## **IDENTIDADE, RACISMO E REPRESENTAÇÃO**

Majoritariamente negro, o Brasil vive uma realidade racial complexa. Como afirma Beatriz Nascimento (2021), nosso país é composto por relações inter-raciais que podem ser consideradas como amenas do ponto de vista da miscigenação em seu comportamento aparente, mas que não estendem à pessoa negra a mesma amenidade. Segundo a autora, a tolerância “conosco camufla um profundo preconceito racial que aflora nas mínimas manifestações, inclusive naquelas que aparentam ter um cunho afetivo” (NASCIMENTO, 2021 p.40).

Um outro aspecto da tecitura de tal complexidade das relações raciais no Brasil é a falta de uma identidade negra, o que Sueli Carneiro (2011) chama de confusão racial. Carneiro (2011) aponta que essa confusão reina sendo explicada pela miscigenação, mas que ela também envolve processos, que demarcamos aqui como, ao menos, minimamente conscientes, relacionados ao modo como a identidade étnica e racial é algo que pode ser historicamente construído ou destruído, para explicar essa relação ela argumenta que:

Ao contrário dos Estados Unidos, onde, ao contrário do que se pensa, a escravidão também produziu uma significativa população miscigenada, definiu-se que 1/8 de sangue negro fazia o indivíduo um negro, a despeito da clareza de sua cor de pele. Aqui também definimos que 1/8 de sangue branco deveria ser um passaporte para a brancura. (CARNEIRO, 2011 p.64),

No Brasil a miscigenação alimenta a lógica do branqueamento que é usada como uma “carta de alforria da negritude” (CARNEIRO, 2011 p.64), aprende-se, argumenta a

---

autora, que alguns traços como um tom de pele mais claro, um cabelo mais liso ou olhos verdes faz com que a pessoa descendente de negros seja socialmente “promovida” a parda ou branca. Através dessas ditas promoções não há apenas uma desconstrução da identidade negra, mas um projeto de extinção como no lusotropicalismo de Gilberto Freyre que ao comparar o contexto racial no Brasil com o dos Estados Unidos afirmava que não havia racismo no Brasil justamente porque existe miscigenação, um processo através do qual “o negro tende a desaparecer”.

No entanto, a pessoa negra obviamente não desapareceu, na verdade, cada vez mais pessoas deixam a zona cinzenta, como denomina Carneiro (2011), da caixa “pardos” e se identificam como pessoas negras, há uma promoção da identidade cultural negra que em alguma medida está relacionada tanto a um processo de autoidentificação, quanto a processos dúbios como a integração na lógica publicitária para dar conta dessa mobilidade identitária, até processos violentos e racistas como a apropriação cultural.

Nos moldes mais clássicos, é fácil, infelizmente, listar manifestações, mais ou menos sutis, daquilo que Nascimento (2021) chama de preconceito profundo, já que as ramificações do racismo estrutural afetam, por exemplo, o modo como a infância das crianças negras é reduzida ou negada. Há aqui, inicialmente, uma herança do regime escravocrata em que as crianças entravam, muito cedo, na engrenagem do trabalho escravo (DAVIS, 2016).

Atualmente, as consequências de anos de abandono político-social e dos resquícios da escravidão, ecoam e fazem com que as mulheres negras precisem deixar seus filhos sozinhos, às vezes um tomando conta uns dos outros – como acontecia nas senzalas - para que possam trabalhar. Ou que levem seus filhos para o trabalho, já que a maior força de trabalho composta por mulheres negras é o trabalho doméstico, espaços nos quais eles não vão ser tratados como crianças. Porque em alguma medida, parece que o filho da empregada é empregado por tabela. Mas não é só dentro das “casas dos patrões” que essa redução ou negação da infância acontece. Existe um processo de adultificação das crianças negras, o que significa que diferentes instituições sociais, como a própria, família, a escola ou o estado vão ser menos protetivas e mais punitivas com crianças negras<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Essas observações encontram suporte em pesquisas como a realizada por Phillip Goff et. al (2014) que revelou que, a partir dos 10 anos, meninos negros estão mais propensos a serem erroneamente percebidos como mais velhos do que fato são, de serem considerados suspeitos ou culpados, bem como de sofrer violência policial.

---

Poderíamos expandir essa exemplificação por vários outros lugares, ele está na forma como o racismo determina a composição eurocentrada dos currículos escolares no Brasil; no modo como mulheres negras são tratadas no sistema de saúde<sup>4</sup>; no fato de que a pandemia de COVID-19, agravada pela lógica de descaso que impera na atual gestão do governo federal, se tornou uma crise atravessada por raça, classe e gênero, não só com relação às mortes, mas por evidenciar o papel do trabalho da mulher negra como “viga mestra” (GONZALEZ, 2020 p.40) do país. E, por fim, mas não menos importante, no modo como pessoas negras são representadas nos espaços midiáticos e nos sentidos que essas representações suscitam.

É sintomático da lógica de branqueamento e de um projeto de desconstrução da identidade negra que a etnia majoritária seja minoria nas representações. Em seu trabalho sobre a lógica do branqueamento nas telenovelas brasileiras, Maureci Almeida (2017) afirma que o desejo de branquear a sociedade brasileira continua existindo e que aparece nos meios de comunicação de massa, especialmente na televisão brasileira. Ao colocar no centro da manutenção da lógica do branqueamento aquele que continua sendo o produto audiovisual mais importante da televisão brasileira, as telenovelas, o autor afirma que as imagens que as telenovelas nos entregam diariamente reforçam ideias de beleza, riqueza, prosperidade e de comportamento virtuoso ao fenótipo branco, enquanto ao negro resta o contrário, o aspecto estético depreciativo, a pobreza, a criminalidade, a sensualidade.

Os problemas representacionais podem ser tipificados pela não representação, quando a ausência de personagens negros representa também a determinação do negro como o outro, o sem direito a reflexo, e pela sub-representação, quando a quebra no “mar de alvura” (GAY, 2016) da ficção televisual coloca a pessoa negra em posições engessadas que mesmo quando conseguem ultrapassar a ideia de pobreza, criminalidade e sensualidade, as opções de reflexo são extremamente limitadas em comparação a panóplia de opções e exemplos e complexidades que os personagens brancos conseguem oferecer. A relação entre personagens brancos e negros nas telenovelas brasileiras

---

<sup>4</sup> Um dos estereótipos comuns sobre pessoas negras é a ideia de que somos fisicamente mais fortes que as pessoas brancas. E isso se reflete no modo como as mulheres negras são tratadas na hora que vão ter seus filhos. Uma pesquisa da Escola de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz realizada em 2014 analisou a situação de grávidas negras, brancas e pardas com relação à qualidade de vida, escolaridade e atendimento médico em estabelecimentos públicos e privados do Município do Rio de Janeiro. A pesquisa mostrou que um terço das pardas e negras não conseguiu atendimento no primeiro estabelecimento procurado e, no parto vaginal, recebeu menos anestesia.

acontece de forma desproporcional, para exemplificar olhamos para as fichas de personagens das últimas produções na faixa das 21h da Rede Globo nos últimos anos:

Tabela 01 – Percentual de personagens negros nas telenovelas das 21h da Rede Globo<sup>5</sup>

Ano	Título	Percentual de personagens negros
2016-2017	A Lei do Amor	6,6%
2017-2017	A Força do Querer	8,69%
2017-2018	<i>O outro lado do Paraíso</i>	13,79%
2018-2018	Segundo Sol	14,28%
2018-2019	O Sétimo Guardião	7,54%
2019-2019	A Dona do Pedaço	8%
2019-2021	Amor de Mãe	30,95%

A maioria desses personagens são homens negros (62,50%) e em apenas quatro dessas telenovelas os personagens, independente do gênero, estão inseridos na trama principal, apenas um deles é protagonista. No geral, a maioria desses personagens não possuem histórias próprias, sendo personagens que operam funções como advogado do mocinho ou vilão, capanga do antagonista, etc. Dessas sete produções, três abordam raça de alguma forma, são elas: *Amor de Mãe*, *O Outro Lado do Paraíso* e *Segundo Sol*.

Cabe dizer que essas considerações são feitas a partir de um olhar mais geral, com foco quantitativo, uma melhor noção dessa representação demanda da análise mais específica desses personagens, considerando suas características e desenvolvimentos dentro da narrativa.

### ***O OUTRO LADO DO PARAÍSO***

*O Outro Lado do Paraíso* é uma telenovela produzida e exibida pela Rede Globo, que teve sua primeira transmissão entre 23 de outubro de 2017 e 11 de maio de 2018, em 172 capítulos. Ambientada no Tocantins, a trama central da história é a de Clara que logo no início da trama Clara se torna amiga de Raquel, uma jovem que sonha em se mudar para a Palmas para estudar e se tornar professora para ensinar no Quilombo no qual cresceu. Tanto Raquel quanto Clara quanto Raquel têm suas vidas mudadas quando deixam o interior e vão para Palmas. Clara se muda quando se casa com um homem violento que a espanca, estupra e tenta controlar a herança dela. Já Raquel, tem seu rumo alterado quando se apaixona por Bruno, filho de seus patrões em Palmas. Ambas as

<sup>5</sup> Os dados acima consideram apenas pessoas negras, por isso, ressaltamos que seria ainda necessário um olhar mais cuidadoso na tipificação para categorizar outras etnias não brancas.

---

personagens, ao serem vítimas de armações e violências por parte de seus antagonistas, deixam a cidade – uma de forma forçosa e outra por escolha própria.

Embora Clara seja - nos moldes clássicos do programa narrativo de telenovelas brasileiras - a protagonista da trama, *O outro lado do Paraíso* tem um núcleo de protagonistas expandido. Além disso, a trama é baseada na lei do retorno que se estabelece através das injustiças cometidas contra essas duas personagens. A principal motivação de Clara é se vingar de todos aqueles que a afastaram de seu filho, já a trama de Raquel, que também é operada de modo similar, está relacionada a mostrar aqueles que foram racistas com ela, que ela podia ocupar espaços que antes lhe foram negados.

Iniciamos a análise focando na construção da problemática racial na trama, buscando entender como são representadas a personagem que sofre racismo, a personagem racista, assim como os papéis de outros personagens do núcleo desta trama específica e as discussões sobre raça que circulam os diferentes núcleos que estabelecem relação com a história de Raquel e Bruno. No entanto, nosso foco principal está na punição social e jurídica que a personagem que move o plot racista recebe no desfecho da história e nas impressões que o público telespectador têm sobre redenção e punição. Para isso, realizamos um levantamento via questionário no qual buscou-se entender a opinião dos telespectadores sobre a representação dessas temáticas e desfechos dos personagens envolvidos. Foram então elaboradas questões envolvendo aspectos gerais da representação das temáticas para entender a recepção das mesmas e qual o sentimento dos entrevistados com relação às resoluções propostas pela trama. Sendo assim, durante cinco dias (entre 04 e 08/05/2018) entrevistamos 128 fãs da telenovela.

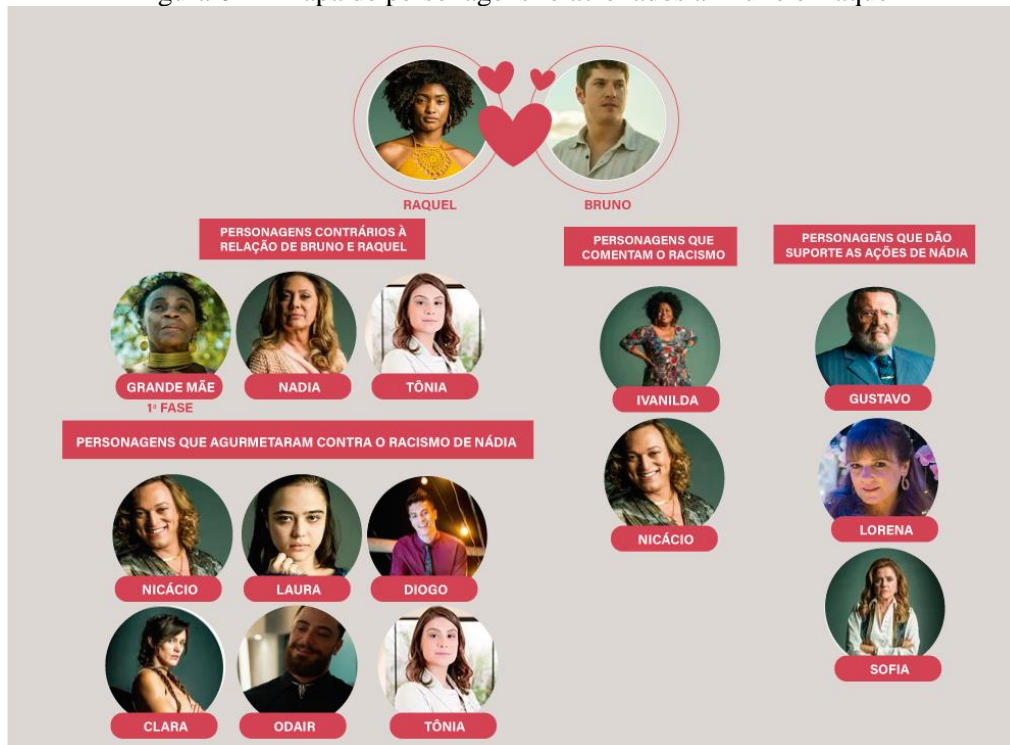
## **RACISMO, AMOR E REDENÇÃO**

Bruno é um jovem branco, filho de uma socialite de Palmas, e de um juiz, ele está cursando direito almeja um cargo público. Raquel, recém-chegada de uma comunidade quilombola, está se organizando para estudar, por isso procura emprego como doméstica e acaba indo parar na casa de Nádia, mãe de Bruno. Nádia, por sua vez, é uma mulher apresentada como fofoqueira, cheia de preconceitos (manifestados tanto com relação à classe, raça e gênero) e que não admite que seu filho “*loirinho e bonitinho*” se envolva com uma mulher negra.

Para entender o desenvolvimento da trama de racismo em *O outro lado do paraíso* separamos os personagens que estão de alguma forma relacionados à narrativa em quatro

grupos: 1) aqueles que são contrários à relação de Bruno e Raquel; 2) os que dão suporte as ações racistas de Nádia; 3) os que argumentaram contra o racismo de Nádia; 4) personagens que comentam o racismo.

Figura 01 – Mapa de personagens relacionados a Bruno e Raquel



No grupo 1 estão os personagens contrários à relação do casal: Nádia, que é a principal antagonista da relação seu filho com Raquel e que faz isso por motivações raciais, a Mãe do quilombo que acredita que Raquel merece um homem “mais firme” e Tônia, que se apaixona por Bruno. Esta última aparece tanto nesta categoria quanto na de personagens que argumentam contra o racismo, pois, embora dispute o amor de Bruno, diversas vezes ela questiona as falas de Nádia ou outros personagens abertamente racistas, como Lorena. Somam-se a Tônia, no grupo 2, os personagens Laura, Diego, irmão de Bruno, Clara e Nicácio.

O grupo 3 envolve personagens que tecem comentários sobre a trama, mas que não necessariamente apontam ou se opõem ao racismo de Nádia. Nesse grupo, está Ivanilda, uma das quatro mulheres negras em *O outro lado do paraíso*, em diferentes situações Ivanilda não só escuta as manifestações de racismo de Nádia como participa delas. Por fim, no grupo 4 estão personagens que dão apoio às ações de Nádia, que entendem a razão pela qual ela quer separar Bruno e Raquel ou que endossam seus atos

racistas. Quando, por exemplo, ainda no começo da trama, Nádía está preocupada com um possível envolvimento entre a empregada doméstica e o filho e escuta do marido *que “elas (as empregadas) estão aí para isso”*. Isso volta a se repetir em alguns momentos da primeira fase e essas manifestações racistas de Gustavo nos remete a interpretações de uma divisão entre a mulher para servir e transar – num somatório de papéis normalmente distintos entre a doméstica e mulata – e aquela que serve para casar: a branca.

Com o passar do tempo, o interesse de Bruno em Raquel aumenta e eles acabam se aproximando e iniciando uma relação amorosa. Enquanto a relação deles cresce em segredo, Nádía se torna cada vez mais agressiva na forma como trata Raquel e sua origem, ela volta a falar mal do quilombo, chama Raquel de folgada e, na ausência dela, sempre se refere à empregada como “aquela preta”. Vale comentar um momento em particular, quando Raquel prepara um prato da forma como aprendeu a fazê-lo no quilombo e Nádía se recusa a comer, dizendo que é “comidinha de senzala” que faz com que seu filho mais novo, Diego, a recrimine, dizendo que todo mundo é igual e que racismo é crime.

Depois da fala de Diego, Nádía expulsa o filho mais novo do quarto ultrajada por ser acusada de racismo. Essa é uma negação recorrente, em diversos momentos a personagem diz que não é racista. Ela é enfática nessa negativa que reaparece em diversas cenas durante quase toda a trama. Em alguns momentos ela até chega a dizer que não tem “*problema com preto, mas sim, com aquela preta*”, o que desloca o racismo de um problema estrutural e coletivo para algo pessoal, mas esse deslocamento não é fixo no caso de *O outro lado do Paraíso*, porque em diferentes momentos Nádía fala não de Raquel, mas “daquela gente”, do quilombo e de como ela faria qualquer coisa para não misturar seu sangue ao ter um “neto preto”. “Já imaginou eu com neto preto? Eu faço qualquer coisa, eu troco no berçário”, ela chega a dizer.

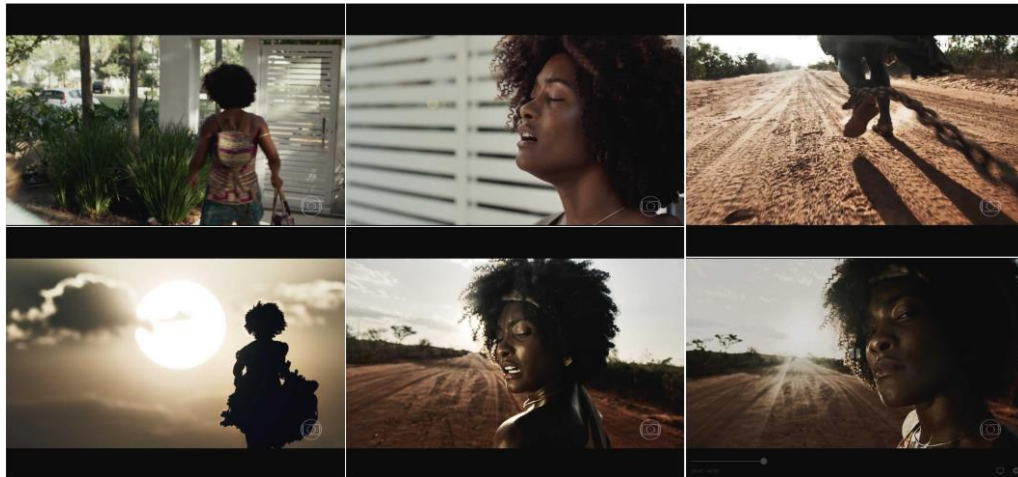
É quando escuta o filho dizendo que ama Raquel e deseja se casar com ela, que Nádía toma uma atitude e resolve separar o casal. Ela demite Raquel, tenta humilhá-la e então a expulsa de sua casa dizendo que o “filho nunca se casaria com uma preta”. Raquel diz a Nádía que racismo é crime e que a única razão pela qual não a denuncia é pelo fato de ser mãe de Bruno. Antes de ir embora, depois de ouvir Nádía comemorar por ter se livrado “da preta”, Raquel diz a Nádía que ela ainda iria se arrepender de cada palavra dita a ela.

Mais poderoso do que o diálogo é a abordagem estética da cena. O momento em que Raquel vai se afastando da casa é intercalada por uma outra que tem como intuito



representar o sofrimento de Raquel com o ataque racista. A personagem, caracterizada de um modo que assemelha ao imaginário da escrava, corre por um descampado com correntes ainda presas em seu pé, sendo arrastadas pelo caminho. Correntes essas que representam os modos como as formas de dominação e exploração persistem na vida dos negros no Brasil.

Figura 02 - Frames da cena em que Raquel é expulsa da casa de Nádía



Bruno descobre que sua mãe expulsou Raquel e vai atrás dela no quilombo com o intuito de levá-la de volta para Palmas, nesse momento, é a Grande Mãe (figura do poder matriarcal do Quilombo da Formiga) que, apesar de não se opor a relação, diz que Bruno precisa resolver as questões com os pais antes de levar Raquel embora. Bruno e Raquel continuam separados por um tempo quando os pais dele ameaçam cortá-lo financeiramente caso ele fique com Raquel, quando percebe que isso não está adiantando, Nádía arma novamente para separá-los. Quando Bruno volta ao quilombo decidido a ficar com Raquel, a Mãe mente e diz que Raquel foi embora. Posteriormente, ela conta a Raquel sobre a ida de Bruno ao quilombo, mas diz que ela precisa focar em ter uma profissão e ser independente. Ela incentiva Raquel a deixar o quilombo e se tornar juíza, a fala da Mãe denuncia uma segregação racial da força do trabalho, ela afirma que “*nós [pessoas negras] precisamos ter bons empregos que nem os brancos, que é pra provar para eles que nós não nascemos só para servir, não nascemos s[ó] pra ficar por baixo [...] eu quero que você estude as leis, quero você doutora, advogada, ou melhor, juíza que é pra defender o povo negro e contribuir pra igualdade dos negros*”. Raquel aceita

---

a ideia e diz que vai virar juíza para provar que é mais forte do que aqueles que a humilharam.

Cerca de dez anos se passam e a trama de Raquel segue uma lógica de reviravolta usual, a jovem humilhada que dá volta por cima, o que não é costumaz no caso de Raquel é que sua ascensão não advém da descoberta de um pai rico, de uma herança inesperada, seu processo de ascensão vem de um outro lugar, a educação. Apesar do reforço de uma certa meritocracia que parece desconsiderar a desigualdade nos processos de concorrência entre pessoas brancas e não brancas, é a primeira vez que uma personagem negra, ocupando um cargo de magistrado, está no centro de uma narrativa em telenovela brasileira e o faz de forma complexa, ou seja, Raquel não é apenas a juíza que está envolvida em um caso relacionado a protagonista, ela tem uma história própria que envolve sua relação de amor com um homem branco, sua autoestima, seu sentido de comunidade com o quilombo e a relação com Nádia. O quilombo é particularmente importante para avaliar essa representação da personagem, fazer parte do quilombo permite a Raquel uma vivência em um santuário racial e um sentido de resistência que faz com que ela, mesmo na primeira fase da novela, quando normalmente a mocinha humilhada enfrenta tudo de cabeça baixa, sempre mantenha um senso de orgulho de ser quilombola, negra e que não deixe o racismo de Nádia passar sem a devida repreensão.

Quando Nádia descobre que uma nova juíza está chegando à cidade e diz ao marido que eles precisam recebê-la para estabelecer uma relação e facilitar quando Gustavo precisar dar um “jeitinho” em algum caso. Eles então organizam o jantar e quando Raquel aparece e se apresenta como nova juíza, Nádia desmaia.

O jantar continua e Nádia, repetidamente, tenta humilhar Raquel trazendo à mesa o fato de que ela “limpava sua casa” e “comia sobras”. Além disso, um ponto que chama atenção durante o jantar é esse questionamento sobre a ascensão social de Raquel que, ao mesmo tempo, representa também uma forma de “promoção racial”. Isso fica mais evidente na fala de Lorena que classifica Raquel como “preta de alma branca”.

As repercussões do retorno de Raquel são debatidas pelos mesmos personagens que antes discutiram a relação de Bruno e Raquel, Nicácio lembra a Nádia que ela fez de tudo para separar o filho de Raquel por motivações raciais. Enquanto conversam no salão um dos personagens diz que Raquel agora não é mais “a preta” e sim “a juíza”.

No desenrolar da história, Bruno pede o divórcio e passa a viver com Raquel, mas o casal ainda é vítima de mais algumas das armações de Nádia com o intuito de separá-

los, mesmo quando o filho ameaça expulsá-la de sua vida caso a mãe não respeite Raquel. As armações de Nádía não são bem-sucedidas e Bruno tenta novamente se reconciliar com Raquel que não o aceita de volta, pois não quer que seus filhos tenham uma avó racista. A virada de Nádía na trama começa quando Diego, seu filho mais novo, engravida uma garota, a criança nasce negra e Nádía se recusa acreditar que a criança seja dele. “Um intruso que veio direto do quilombo para o seio da minha família”.

Ao saber que Nádía teve um neto negro, Raquel diz a Bruno que isso não muda nada, embora a personagem entenda isso como uma forma de justiça para Nádía, ela afirma que só voltaria com Bruno se a mãe dele desculpasse com ela. Aos poucos, Nádía cai de amores pelo neto e ao notar isso, Bruno pede outra vez para que ela se desculpe com Raquel.

Figura 03 – Transcrição de cena: Nádía pede perdão a Raquel

[...]

**NÁDIA:** Que delícia de sofá, garanto que lá no quilombo não tinha uma coisa boa assim.

**BRUNO:** Mãe, você não tem jeito.

**RAQUEL:** Não, dona Nádía. Por favor, eu vou ter que pedir que a senhora se retire.

**NÁDIA:** Raquel, pelo amor de Deus, perdão. Perdão.

**RAQUEL:** A senhora me pediu perdão.

**NÁDIA:** Eu tô pedindo perdão pra você, desculpe, eu estou muito nervosa (...) a gente já brigou tanto que eu acho que me acostumei a brigar com você, mas eu estou aqui pra isso. Eu não suporto mais ver a tristeza do meu filho, que sempre foi tão brincalhão, tão carinhoso comigo, eu não suporto mais isso. Eu nunca pude imaginar que eu fosse amar tanto aquela criança, uma criaturinha daquela tão pequena me ensinou uma coisa tão grande, me ensinou que a cor da pele não faz a menor diferença, que o coração é que fala mais alto, sempre. Eu quero pedir perdão por todas as vezes que eu maltratei você, eu não sei o que falar mais eu quero que você me fale o que eu tenho que fazer pra você me perdoar.

**RAQUEL:** Vem cá, não precisa fazer nada não.

Marquinhos, o neto de Nádía, é usado como uma ferramenta de punição e redenção já que ele “salva” Nádía do próprio racismo e estimula sua tentativa de reparação com Raquel. Para Raquel, a partir daquele momento, Nádía deixa de ser racista, ela chega a comentar que o fato da sogra amar o neto significa que ela superou o racismo. Aqui, novamente, o texto da telenovela tenta resolver algo que é estrutural (o racismo) pela órbita do que é particular (o afeto de Nádía pelo neto).

No casamento de Bruno e Raquel, Nádía fala sobre seu racismo na frente dos convidados e volta a se desculpar. Ela começa dizendo que sempre afirmou não ser racista, mas que de fato era, “talvez eu nem soubesse que era tanto até a Raquel ir trabalhar na minha casa como doméstica e meu filho se apaixonar por ela”. O pedido de desculpas público pode ser entendido como parte de sua jornada de redenção, da qual o ponto de

ignição é o nascimento de seu neto, como ela destaca no trecho transcrito na imagem a seguir (Figura 04).

Figura 04 – Transcrição de cena: Nádía discursa no casamento de Raquel e Bruno

**NÁDIA:** Sei que perturbei muito a vida de vocês, eu realmente sinto muito, perdão, eu sinto muito. Mas a vida, ou foi Deus, eu não sei, me enviou um ensinamento. Meu neto, Marquinhos. Marquinhos é afrodescendente. [...] Eu amo esse menino. Eu sou apaixonada por ele. E dentro desse estado de amor, através desse amor eu descobri que nós somos iguais, que não existe essa diferença de raça, que nós todos somos da raça humana, a cor da pele não pode fazer tanta diferença assim. Nós todos merecemos o mesmo respeito, as mesmas oportunidades e principalmente os mesmos direitos. Dentro desse amor eu descobri uma coisa tão simples, não é? Que é a igualdade. Bom, eu só tenho um pedido a vocês. Me deem muitos, muitos netos.

Para tentar entender a trama até aqui analisada foi percebida pela audiência apresentamos a partir de agora dos dados dos respondentes do levantamento via questionário, composta por uma amostra majoritariamente feminina (81,25%), que assistia à telenovela diariamente (81%) na transmissão original na televisão (94%).

O levantamento considerou as diferentes tramas que podem ser enquadradas como merchandising social em *O outro lado do paraíso*, no entanto, apresentamos aqui apenas os dados referentes à abordagem do racismo. Nesse sentido, a primeira questão que nos interessa comentar é a avaliação dos respondentes sobre o casal Bruno e Raquel comparando-a com a avaliação de outros casais. Dessa forma, Bruno e Raquel estão empatados com o casal que protagoniza a trama central no segundo lugar no ranking dos casais preferidos pelos respondentes, o que demonstra uma aceitação da relação amorosa interracial.

85% das respostas tinham avaliação positiva, sendo segmentadas por respostas em que “Bruquel” era considerado o melhor casal da novela (20%), feitos um para o outro (39%) e por aqueles que disseram gostar do casal (26%).

Também questionamos os respondentes sobre a avaliação da abordagem racial em *O outro lado do paraíso*, 58% atribuíram a trama algum grau de avaliação positiva, enquanto 42% a avaliaram negativamente. Avaliamos os três personagens centrais conforme seus papéis na trama. Dessa forma, analisamos Nádía enquanto vilã e Raquel e Bruno enquanto mocinhos 33,28% atribuíram a Bruno alguma valoração negativa, desses 17,92% consideravam o personagem como fraco e 12,8% como um péssimo protagonista. Apesar disso, os respondentes avaliaram Bruno de forma majoritariamente positiva, no caso de Raquel, esse número é ainda maior: 92,3% de avaliações positivas. Para 58% dos respondentes Nádía é entendida como vilã, 42% não a identificam dessa forma. Parte dessa percepção está relacionada a um entendimento da personagem como cômica

(CAVACALNTI, 2019) e do uso do humor para encerrar discussões sobre raça. Sobre o desfecho conciliador e redenção de Nádia, quando questionados se a personagem merecia ser perdoada, 59% responderam que sim. Essa pergunta engloba a trama racial de uma forma geral, incluindo o desenvolvimento relacionado ao neto de Nádia.

Olhando especificamente para a relação de Nádia e Raquel, fizemos ainda duas outras perguntas: 1) Você acredita na redenção de Nádia? 2) No lugar de Raquel, você aceitaria o pedido de desculpas de Nádia? Na primeira questão, 36% acreditavam na redenção da personagem, 52% afirmaram que acreditavam no arrependimento/aprendizagem da personagem, mas que gostariam que ela tivesse sido legalmente responsabilizada pelos atos de racismo cometidos. E outros 12% não acreditavam na redenção. Ao se colocarem no lugar de Raquel, 50% dos respondentes afirmaram que perdoariam Nádia porque ela parecia sincera, 39% disseram que também a perdoaria, mas apenas com o intuito de manter uma relação com a mãe da pessoa que ama; 11% afirmaram que não.

## CONCLUSÃO

O processo de aprendizado de Nádia se dá através do nascimento do temido “neto preto”. A relação que ela desenvolve com a criança usa o afeto como ferramenta de aproximação. Antes o intruso (o que nos permite entender Marquinhos como um símbolo do que significa ser negro em um Brasil que vive uma lógica de branqueamento), o menino se torna o neto amado. No entanto, seria também possível argumentar que o neto aparece para Nádia como castigo/punição o que reforça uma interpretação negativa das pessoas negras e das relações raciais.

O discurso final de Nádia prega uma espécie de cura, como se o ato de aceitar uma nora e um neto negro fizessem com que ela deixasse de ser racista. Quando a personagem diz “eu era racista” ela fala da extinção de um tipo específico de racismo, um racismo que vive na superfície, que é mais facilmente identificável, que está no uso de um certo vocabulário e numa repulsa a presença de pessoas negras em certas posições/lugares, mas que desconsidera todas as outras formas através das quais as pessoas brancas alimentam a estrutura racista da qual “recebem dividendos” (GONZALEZ, 2021 p.35).

Nascimento (2021) comenta ainda que, a todo momento, o preconceito racial dá suas caras, se faz sentir, mas a autora destaca que há uma dificuldade de perceber “até onde a intenção de nos humilhar existiu”, essa possibilidade de não intencionalidade abre

---

espaço para um pensamento em que a vítima de racismo precisa entender o racista como alguém “que cometeu um erro”

É então comum que o preconceito racial seja resolvido de forma conciliatória ou que, embora exista uma ameaça de processo, ele não se desenrole. Essa conciliação se dá através do perdão concedido pela pessoa negra ao ato de redenção do racista, sem nenhuma implicação legal. Os exemplos são diversos, só para citar alguns podemos pensar em Joana e Barba em *Malhação Seu Lugar no Mundo*, Penha e Máslova em *Cheias de Charme*, Roberval e Rochelle em *Segundo Sol*. O argumento nas tramas, repetido diversas vezes por diferentes personagens em *O outro lado do paraíso* é algo como “Racismo é crime e você pode ser presa por isso”.

Fora da ficção, os casos de racismo nos mostram as dificuldades de enquadrar alguém na tipificação do crime. Ao procurar a justiça, as pessoas negras comumente descobrem que o ato de racismo que sofreram, de alguma forma, não se enquadra como racismo, e sim como crimes que possuem punição mais branda e que desconsidera sua motivação racial, como a calúnia. Como exemplo podemos citar dois casos que aconteceram no Rio de Janeiro em 2021, uma empresária negra que foi acusada de roubar dentro de uma loja de departamento em um shopping e um professor de surf abordado por um casal branco que insistia que ele tinha acabado de roubar a bicicleta com a qual ele estava no momento da acusação. Esses casos exemplificam um racismo em que a simples presença/existência de pessoas negras em determinados espaços manda mensagens de estranhamento e desconfiança não só para as pessoas brancas que os atacaram, mas para toda uma sociedade que parece ainda estar esperando que “o problema negro” desapareça ou que, ao menos, se limite a determinados espaços. O mesmo acontece com Raquel em *O outro lado do Paraíso*, não causa espanto que ela seja a empregada doméstica na casa de Nádia, mas a ideia de que ela possa se relacionar com um homem branco – não desconsiderando aqui toda a possível problemática do contexto desta relação – e de que tenha se tornado juíza surpreende os personagens.

Ainda assim, os dois casos de racismo citados foram registrados como calúnia, que consiste no ato de imputar crime e não possui agravante que considere motivação racial, neles considerou-se os caluniadores os acusaram de roubar e não o fato de que eles só foram acusados de roubo por serem pessoas negras. A calúnia, crime sem possibilidade de reclusão, representa uma descaracterização do ato racista que acaba não sendo punido. Mesmo o enquadramento como injúria racial, importante no sentido de atribuir o peso do

---

racismo a punição jurídica que escapa no caso da calúnia, acaba significando apenas multa, já que devem ser consideradas as regras para cumprimento de penas segundo o art. 33 Código Penal em vigor no Brasil.

As narrativas de racismo na representação televisual brasileira possuem um costumaz final de redenção do racista. A abordagem com a qual as telenovelas tratam o racismo não realiza uma punição, mas sim a redenção, desconsiderando a possibilidade de coexistência entre ser punido e aprender algo. É isso que acontece em Nádia. A punição da personagem não existe no âmbito jurídico-legal, um aspecto do qual a maioria dos respondentes sente falta, mesmo acreditando que o perdão deveria acontecer.

Por fim, representar o racismo é, sem dúvidas, importante. Principalmente o racismo contemporâneo, que denuncie e coloque em debate as micro e macro agressões com as quais pessoas negras precisam lidar diariamente. Raquel, uma mulher negra em um cargo de magistrado, significa bastante do ponto de vista representacional, mas não apenas pelo cargo que ocupa, mas pela centralidade na narrativa e manutenção de um sentido de negritude que normalmente é desfeito no processo de ascensão de personagens negros para que ele se aproximem o máximo possível da branquitude.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maureci. **Ideologia do Embranquecimento nas telenovelas brasileiras**. São Paulo: Paco editorial, 2017.

CAVICALCANTI, Gêsa. Temáticas sociais em *O outro lado do Paraíso*. **Anais do Congresso Televisões**. Niterói, 2019

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo negro, 2011

HALL, S. **Representação e cultura**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GAY, Roxane. **Má feminista**: ensaios provocativos de uma ativista desastrosa. Barueri: Novo Século Editora, 2016.

GONZALEZ, Lelia. **Por um feminismo Afro-latino-Americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

GOFF, Phillip Atiba et al., **The Essence of Innocence**: Consequences of Dehumanizing Black Children, 106 j. of persoNality & soC. psyChol. 526, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021